

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

REGINALDO DA SILVA MARTINATTO

A HETEROGENEIDADE SOCIOCULTURAL COMO ELEMENTO
AGREGADOR PARA O ENSINO DE ÉTICA NAS AULAS DE FILOSOFIA NO
ENSINO MÉDIO.

CURITIBA

2018

REGINALDO DA SILVA MARTINATTO

A HETEROGENEIDADE SOCIOCULTURAL COMO ELEMENTO
AGREGADOR PARA O ENSINO DE ÉTICA NAS AULAS DE FILOSOFIA NO
ENSINO MÉDIO.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no ensino médio – Turma 2017 - Departamento de Filosofia. Universidade Federal do Paraná, como exigência para obtenção do título de especialista em ensino de filosofia no ensino médio.

Orientador: Prof. Dr. Tiago
Falkenbach

CURITIBA

2018

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de elaborar uma proposta de aula de filosofia que utilize o histórico sociocultural que os alunos trazem para dentro da sala de aula, tendo uma expectativa de que estas experiências possam ser um elemento que agregue no processo de ensino e aprendizagem do conteúdo estruturante de ética. O referencial teórico que vai ser utilizado na construção da proposta de aula de ética, é o de Hans Jonas, filósofo alemão, que percebeu na ética tradicional uma incapacidade de tratar de questões além da relação entre os homens, pois para Jonas a ética tradicional não considerava a biosfera em sua análise, enfatizando então a necessidade de uma nova forma de se pensar a ética, uma ética fundamentada na responsabilidade, responsabilidade para com todo o planeta, bem como, para com as gerações futuras.

Palavras-chave: Hans Jonas; ética; responsabilidade; experiências.

ABSTRACT

This work aims to elaborate a proposal of a philosophy class that uses the sociocultural history that the students bring into the classroom, creating an expectation that these experiences can be an element that adds in the process of teaching and learning the content structuring of ethics. The theoretical reference that will be used in the construction of the ethics lesson proposal is that of Hans Jonas, a German philosopher, who perceived in traditional ethics an inability to deal with issues beyond the relationship between men, since for Jonas the traditional ethics did not considered the biosphere in its analysis, emphasizing the need for a new way of thinking about ethics, an ethics based on responsibility, responsibility towards the entire planet, as well as for future generations.

Keywords: Hans Jonas; ethic; responsibility; experiences.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1. ÉTICA NO ENSINO MÉDIO.	5
1.1 A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NO ENSINO MÉDIO.	5
1.2 ÉTICA E MORAL	7
1.3 A REALIDADE DO ALUNO COMO ELEMENTO AGREGADOR DAS AULAS	9
2 A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE NO ENSINO MÉDIO	11
2.1 CONSTRUINDO UMA PROPOSTA DE AULA.	11
2.2 A ESCOLHA PELA ÉTICA DE HANS JONAS.	15
2.3 A TÉCNICA COMO OBJETO DA ÉTICA.	18
2.4 A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE.	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objeto de estudo mais geral o ensino do conteúdo estruturante de ética segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica da disciplina de filosofia no Estado do Paraná (2008). O propósito do trabalho é de investigar como a diversidade sociocultural dos alunos pode ser utilizada como um elemento agregador em uma proposta de aula de ética no ensino médio.

O primeiro ponto de justificativa está na escolha da utilização das experiências que os alunos trazem para dentro da sala de aula como um elemento na construção das aulas de ética, uma vez que, nas Diretrizes existe um encaminhamento de ensino a partir de uma contextualização sócio-histórica na qual “[...] as ideias prévias dos estudantes e dos professores, advindas do contexto de suas experiências e de seus valores culturais, devem ser reestruturadas e sistematizadas a partir das ideias ou dos conceitos que estruturam as disciplinas de referência” (PARANÁ, 2008, p.29).

Dessa forma, a partir de um modelo de aula que se utilize da diversidade sociocultural dos estudantes, é possível quando colocada em prática pelo professor, verificar qual é a contribuição, e os resultados de ensino e aprendizagem de uma aula de ética nesses moldes.

A escolha do conteúdo estruturante ética como objeto deste projeto se deve ao fato de que entendemos a ética como muito mais que um conceito dentro da disciplina de filosofia. O aluno ouve no noticiário ou em seu dia-a-dia, sobre a falta de ética, sobre determinado político não ser ético, sobre o dever de as pessoas serem éticas. Mas este aluno sabe o que é ética? Em boa parte das situações em que é questionado sobre este tema, o aluno tende a reproduzir o comportamento de boa parte da população que trata a ética como “[...] aquelas coisas que todo mundo sabe o que são, mas que não são fáceis de explicar, quando alguém pergunta” (VALLS, 1994, p. 7).

Inicialmente o conceito de ética que vai ser apresentado aos alunos é aquele presente no livro didático de Aranha e Martins, que de forma geral descreve a ética como sendo uma “reflexão sobre as noções e princípios que fundamentam a vida moral” (ARANHA e MARTINS, 2009, p. 214). Posteriormente será apresentado aos alunos a concepção ética desenvolvida

por Hans Jonas, e que é, o filósofo que vai ser utilizado em nossa proposta de aula.

Vale enfatizar que, em nosso planejamento de aulas de ética para o ensino médio, antes do contato com a ética de Hans Jonas, já vai ter sido apresentado aos alunos outras concepções éticas, como Aristóteles, Kant, Mill, entre outros filósofos, haja vista que, Jonas questiona as concepções éticas que o antecederam.

Decerto que as antigas prescrições da ética “do próximo” – as prescrições da justiça, da misericórdia, da honradez etc.- ainda são válidas, em sua imediatez íntima, para a esfera mais próxima, quotidiana, da interação humana. Mas essa esfera torna-se ensombrecida pelo crescente domínio do fazer coletivo, no qual o ator, ação e efeito não são mais os mesmos da esfera próxima. (JONAS, 2006, p.39)

Entendemos que a proposta ética de Jonas seja utilizada no fechamento deste conteúdo no ensino médio, pois acreditamos que os alunos já terão a compreensão suficiente do que é ética, das concepções anteriores a do filósofo, e pôr fim a compreensão da sua ética.

Dessa forma, entende-se, mesmo que o aluno não siga para o ensino superior após o término do ensino médio, compreender o que é ética, bem como identificar o comportamento ético e até mesmo fazer reflexões acerca do seu comportamento, já é um ganho não só pessoal, mas também um ganho para a sociedade. Acreditamos que o ensino de ética é fundamental, pois além de apresentar conceitos e concepções, também pode exercer o papel de despertar o estudante para um comportamento ético.

Para que haja conduta ética é preciso que exista o agente consciente, isto é, aquele que conhece a diferença entre bem e mal, certo e errado, permitido e proibido, virtude e vício. A consciência moral não só reconhece tais diferenças, mas também se reconhece capaz de julgar o valor dos atos e das condutas e de agir em conformidade com os valores morais. (CHAUI, 2010, p.266)

Outro ponto a ser abordado com os alunos é mostrar que ética e moral não são a mesma coisa, mas sim conceitos distintos como destaca Mora em seu dicionário, “Os termos ética e moral são usados, por vezes, indistintamente. Contudo, o termo moral tem usualmente uma significação mais ampla que o vocábulo ética” (MORA, 2001, p.191).

Nas abordagens teórico-metodológicas das diretrizes de filosofia, um encaminhamento se repete em todos os seis conteúdos estruturantes orientando que “o ensino da filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante” (PARANÀ, 2008, p.67), ou seja, fica evidente que cabe ao professor criar meios de realizar esse diálogo dos alunos com a filosofia.

Vale ressaltar que, dentro dos conteúdos estruturantes propostos nas diretrizes da disciplina de filosofia e conteúdos básicos (a saber, Mito e filosofia, Teoria do Conhecimento, Ética, Filosofia política, Filosofia da ciência e Estética), não há um direcionamento em relação aos filósofos que devem ser abordados por cada conteúdo; sendo assim, é o professor que vai selecionar os autores que serão apresentados aos alunos.

O encaminhamento metodológico proposto nas diretrizes, que sugere a relação do cotidiano dos alunos com a filosofia, também é incentivado nos livros didáticos da disciplina, Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes descrevem que os conteúdos de filosofia “[...] devem ser discutidos, questionados e ampliados, servindo como ponto de partida para outras reflexões e aprofundamentos constantes”(COTRIM, FERNANDES, 2017, p.3), já Silvio Gallo descreve sua obra como uma caixa de ferramentas, sendo que “[...] as mais importantes são as suas ferramentas, elaboradas com base em sua experiência” (GALLO, 2017, p.3).

Que o professor de filosofia se utilize de outros instrumentos no seu planejamento de aula. O texto filosófico é fundamental, mas outras formas de contemplar o ensino da ética também podem ser utilizadas; No caso deste trabalho, a tentativa é utilizar o cotidiano dos alunos como um elemento das aulas sobre ética.

Mais do que compreender o conceito ou concepções sobre ética, as aulas serão voltadas para que os alunos pensem o seu comportamento, pensem sobre o comportamento daqueles que estão no seu entorno.

Fica claro que este trabalho tem a expectativa de que uma aula que leve em consideração as histórias de vida dos alunos favoreça consequentemente o entendimento daquilo que é abordado em uma aula sobre ética. A partir de uma questão inicial sobre uma situação problema do cotidiano

do aluno, vai-se fazer uma relação com conceitos filosóficos, que, neste trabalho, o fundamental é o conceito de ética.

Discutir ética com base no cotidiano de cada aluno é fazer com que este perceba que ética não é algo restrito ao meio intelectual, ou político. Dilemas éticos estão a todo instante mexendo com muitos alunos do ensino médio. a questão é, fazer com que o aluno se dê conta de que a ética é algo do alcance de todos. A importância do ensino da ética, é que ninguém está livre de passar por dilemas éticos, como o descrito pela filósofa Marilena Chaui.

Uma pessoa vê, nas portas de uma escola, um jovem vendendo droga a um outro. Essa pessoa sabe que tanto o jovem traficante como o jovem consumidor estão realizando ações a que foram levados pela atividade do crime organizado, contra o qual as forças policiais parecem impotentes. Deve denunciar o jovem traficante, mesmo sabendo que isso não atingirá as poderosas forças que sustentam o tráfico, mas apenas um fraco anel de uma corrente criminosa que permanecerá impune e que poderá voltar-se contra quem fez a denúncia? Ou deve falar com as autoridades escolares para que tomem alguma providência com relação ao jovem consumidor? Mas de que adiantará voltar-se contra o consumo, se nada pode fazer contra a venda propriamente dita? No entanto, como poderá sentir-se em paz sabendo que há um jovem que talvez possa ser salvo de um vício que ira destruí-lo? Que fazer? (CHAUÍ, 2010, p.266)

O tipo de situação descrito na citação da filósofa, é algo extremamente corriqueiro para muitos jovens na escola, principalmente na periferia. Apresentar uma situação problema, como Marilena Chaui faz, em sala de aula pode ser um ponto de partida, para que vários alunos se identifiquem de formas distintas em cada uma das possibilidades descritas por ela, criando a possibilidade de uma reflexão ética a partir da condição social que cada aluno traz para a sala de aula.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira traz a questão da importância do estudo da ética, bem como a diferenciação da ética e da moral, e a importância em se considerar o cotidiano do aluno no ensino da filosofia. Na segunda parte, apresentamos nossa proposta de aula, cujo tema será a ética da responsabilidade de Jonas. Esta proposta estará baseada na concepção ética de Hans Jonas, presente em sua obra *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para civilização tecnológica* (2006).

Temos a expectativa de que este modelo de aula possa ser colocada e prática não só com a concepção ética de Jonas, mas com a de Aristóteles, Kant, ou em outros conteúdos estruturantes da disciplina de filosofia, uma vez que, a proposta de diálogo com o cotidiano dos estudantes é um encaminhamento metodológico presente nas Diretrizes, não é algo restrito da ética, e sim um encaminhamento para todos os conteúdos estruturantes.

1. ÉTICA NO ENSINO MÉDIO

1.1 A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NO ENSINO MÉDIO.

Mesmo com um cenário desfavorável, frente as mudanças governamentais junto a educação¹, a filosofia ainda é uma realidade na rede de ensino pública e privada no Estado do Paraná, está importância da disciplina é descrita da seguinte forma em suas Diretrizes.

Um dos objetivos do Ensino Médio é a formação pluridimensional e democrática, capaz de oferecer aos estudantes a possibilidade de compreender a complexidade do mundo contemporâneo, suas múltiplas particularidades e especializações. Nesse mundo, que se manifesta quase sempre de forma fragmentada, o estudante não pode prescindir de um saber que opere por questionamentos, conceitos e categorias e que busque articular o espaço-temporal e sócio-histórico em que se dá o pensamento e a experiência humana. (PARANÁ, 2008, p.49)

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica referentes à disciplina de filosofia destacam em seu texto que “Conteúdos estruturantes são conhecimentos basilares de uma disciplina, que se constituíram historicamente, em contextos e sociedades diferentes, mas que neste momento ganham sentido político, social e educacional, tendo em vista o estudante do Ensino Médio” (PARANÁ. 2008. P 54), sendo que os conteúdos estruturantes propostos na organização do ensino da Filosofia são;

- Mito e Filosofia;
- Teoria do Conhecimento;
- Ética;

¹ BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20/12/96, art. 35 e 36.

- Filosofia Política;
- Filosofia da Ciência;
- Estética.

O conteúdo estruturante de ética é nossa escolha para pensarmos uma proposta de aulas de filosofia para os alunos do ensino médio. Nossa escolha acerca da ética se deve inicialmente por uma questão de preferência em relação aos demais conteúdos estruturantes.

A questão do tempo para uma possível aplicação deste projeto de aula também foi considerada, para escolha de somente um conteúdo estruturante, uma vez que, cada um dos conteúdos estruturantes da disciplina tem em média seis meses para ser trabalhados no ensino médio, ou seja, abordar mesmo que um tema por conteúdo estruturante ia demandar cerca de três anos para ser aplicado, mais o tempo para a apresentação dos resultados do trabalho.

Acreditamos que trabalhar dentro de apenas um conteúdo estruturante, se atendo a somente um conteúdo específico, seja suficiente, para nossa investigação sobre como uso da diversidade sociocultural dos alunos pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem.

Vale destacar que julgamos todos os conteúdos estruturantes fundamentais no processo de ensino aprendizagem de filosofia no ensino médio, e que nossa escolha pelo conteúdo de ética de forma alguma desqualifica ou diminui a importância dos outros conteúdos estruturantes, aliás compactuamos com a descrição das Diretrizes sobre conteúdo.

Como mediadores do ensino de Filosofia, os conteúdos devem estar vinculados à tradição filosófica, de modo a confrontar diferentes pontos de vista e concepções, para que o estudante perceba a diversidade de problemas e de abordagens. Num ambiente de investigação, análise e descobertas podem-se garantir aos educandos a possibilidade de elaborar, de forma problematizadora, suas próprias questões e tentativas de respostas. Com esse objetivo, estas Diretrizes buscam justificar e localizar cada conteúdo estruturante e indicam possíveis recortes a partir dos problemas filosóficos com os quais os estudantes podem se deparar. (PARANÁ, 2008, p.56)

As Diretrizes da disciplina de filosofia que colabora com a intenção desta pesquisa, que toma o histórico sociocultural de cada aluno como algo que pode agregar no ensino e na aprendizagem da ética, está no fato que

neste documento os conteúdos estruturantes são justificados “a partir dos problemas filosóficos com os quais os estudantes podem se deparar” (PARANÁ, 2008. p. 56).

Entendemos que o ensino da ética no ensino médio talvez represente um dos conteúdos estruturantes mais importantes para todos os alunos nas aulas de filosofia, já que a ética “é o estudo dos fundamentos da ação humana” (PARANÁ, 2008, p. 58).

Consideramos o conteúdo estruturante de ética como fundamental dentro da filosofia no ensino médio, uma vez que todo indivíduo está condicionado a agir dentro da sociedade.

A ética não se limita a uma reflexão puramente teórica sobre o conteúdo e a aplicação dos valores morais. É inseparável da ação humana em geral e, principalmente, da educação, através das quais os próprios sujeitos se fazem sujeitos e se preparam para os processos de constituição. É, portanto, através da ética, em seus múltiplos contextos, que esses atores encontram guarida para estruturar e desenvolver habilidades práticas e conhecimentos de um para o outro e produzir conhecimento. (MALACARNE, STRIEDER, LIMA, 2011, P.57).

Dessa forma, este trabalho compactua com as palavras de GALLO que escreve que a ética “pode nos ajudar a pensar sobre nossa própria vida. Chama-se ética a parte da filosofia que se dedica a pensar as ações humanas e seus fundamentos” (GALLO, 2016, p. 54).

Cabe ao professor de filosofia do ensino médio ser o ator conscientizador da importância da ética na vida de cada aluno, uma vez que “o professor de filosofia é aquele que dialoga com os filósofos, com a história da filosofia, claro com os alunos, fazendo da aula de filosofia algo essencialmente produtivo” (GALLO. KOHAN, 2000. p. 182)

Desse modo, acreditamos que o conteúdo estruturante de ética é uma boa escolha para a elaboração de uma aula que leve em consideração o cotidiano dos alunos, uma vez que, a ética “diz respeito às ações refletidas, nas quais se pensa e sobre as quais se decide de acordo com o temperamento, com o caráter de quem as executa” (GALLO, 2017, p.150).

1.2 ÉTICA E MORAL

O ponto de partida em uma aula de ética para o ensino médio é, além de indagar os alunos sobre o que eles entendem por ética e moral, também mostrar a estes alunos que estes são conceitos distintos. “Embora os termos ética e moral por vezes sejam usados como sinônimos, é possível fazer uma distinção entre eles”. (COTRIM, FERNANDES, 2017, p.327).

Na introdução deste trabalho afirmamos que a definição geral de ética presente nos livros didáticos seria inicialmente apresentada aos alunos, e posteriormente as concepções éticas propostas por outros filósofos. Como também já foi mencionado que vamos nos ater somente a concepção ética de Hans Jonas.

Os manuais destacam a ética como uma reflexão, ou estudo sobre o comportamento moral². Nessas definições já é possível identificar uma distinção entre os conceitos de ética e moral, uma vez que “a moral é eminentemente prática, voltada para a ação concreta e real, para um certo saber fazer prático-moral e para a aplicação de normas morais consideradas válidas por todos os membros de um determinado grupo social” (PEDRO, 2014, p.486). Já nas Diretrizes Curriculares da disciplina de filosofia, a ética é destacada da seguinte forma:

A ética possibilita análise crítica para atribuição de valores. Pode ser ao mesmo tempo especulativa e normativa, crítica da heteronomia e da anomia e propositiva na busca da autonomia. Por isso, a ética possibilita o desenvolvimento de valores, mas pode ser também o espaço da transgressão, quando valores impostos pela sociedade se configuram como instrumentos de repressão, violência e injustiça. (PARANÁ, 2008, p. 57).

Em relação a moral esta é descrita no livro didático de Aranha e Martins como sendo “o conjunto de regras que determinam o comportamento dos indivíduos em um grupo social” (ARANHA e MARTINS, 2009, p. 214) a descrição feita por Cotrim e Fernandes é semelhante, e trata a moral como “conjunto de normas que orientam o comportamento humano tendo como base os valores próprios a uma comunidade ou cultura” (COTRIM, FERNANDES, 2017, p.327). A descrição de Mora apesar de não estar em um manual didático também apresenta semelhanças com as descrições anteriores “[...] moral é, nesse caso, aquilo que se submete a um valor” (MORA, 2001, p.191)

² ARANHA e MARTINS (2009), COTRIM e FERNANDES (2017) GALLO (2017).

De forma geral a moral está relacionada ao agir humano, mais especificamente ao que move este agir, assim podemos afirmar com base nas descrições sobre moral, que está é movida por valores.

Vale ressaltar que não é possível tratar da ética sem a moral, uma vez que, como já foi dito anteriormente, a ética só acontece devido a existência de um comportamento moral, ou seja, “[...] apesar de estes conceitos serem distintos, existe uma estreita articulação entre si, na medida em que a ética tem como objeto de estudo a própria moral, não existindo desligada uma da outra, mas sendo independentes entre si [...]” (PEDRO, 2014, p.486).

Na sequência, vamos buscar elementos que podem ser utilizados como fatores agregadores nas aulas de ética no ensino médio. Nossa pretensão é que esses elementos possam vir da realidade que esses alunos trazem para dentro da escola.

1.3 A REALIDADE DO ALUNO COMO ELEMENTO AGREGADOR DAS AULAS

A proposta de utilizar as experiências que os alunos trazem para dentro da escola como um elemento que agregue nas aulas de ética, seja no seu ensino e na sua aprendizagem, tem na figura do professor aquele que vai cativar seus alunos, e fazer com que esses realmente se sintam à vontade de compartilhar suas experiências. Para isso, é fundamental que o aluno não seja tratado como alguém que faz parte de um grupo homogêneo, muito menos tratar este aluno como alguém que, ao entrar na escola, vai se desvincular das suas experiências cotidianas.

Identificar o aluno como jovem sugere o reconhecimento de que este, ao entrar na escola, traz consigo uma diversidade sociocultural com suas demandas e necessidades específicas, mas também na origem social e cultural, no gênero, no pertencimento étnico-racial e nas experiências vividas, dentre outras variáveis, que interferem direta ou indiretamente nos modos como tais juventudes vão lidar com a sua escolarização e construir sua trajetória escolar.(STOSKI, GELBCKE, 2016, p. 36).

Nossa proposta de aula visa que as experiências dos alunos, possam auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da ética. Atendendo o

encaminhamento das Diretrizes de que “O ensino de Filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante” (PARANÁ, 2008, p. 68).

Consideramos uma aula nesses moldes como um desafio atraente, mas não é algo simples, principalmente pelas dificuldades, pois dar “[...] voz aos estudantes não tem sido uma prática recorrente dentro das instituições escolares, sejam quais forem os motivos”. (STOSKI, GELBCKE, 2016, p. 49).

A dificuldade em se utilizar as experiências dos alunos nas aulas de ética é efeito de uma escola que não atrai e cativa os alunos, “[...] evidente que a escola não atrai esses jovens, o que lhes é oferecido não os envolve. E pior, não conseguem atribuir sentido!” (DAYRELL, JESUS, 2013, p. 59).

Esse distanciamento é efeito de “[...] um currículo distante da sua realidade, demandando um maior diálogo das matérias com a sua realidade cotidiana” (DAYRELL, JESUS, 2013, p. 59). Dessa forma com uma aula que leve em consideração as suas experiências cotidianas, temos uma expectativa de que, além do entendimento da ética, os alunos possam criar laços mais efetivos com sua escola.

Na pesquisa sobre a exclusão dos jovens do ensino médio entre 15 e 17 anos realizada pelo Observatório da Juventude da UFMG, fica evidente uma “[...] crítica dos alunos a um currículo distante da sua realidade, demandando que os professores os “situem na matéria”, ou seja, os ajudem a perceber o que determinado conteúdo tem a ver com eles e sua vida cotidiana” (DAYRELL, JESUS, 2013, p. 65).

Desse modo, nossa proposta de aula visa dar voz ao aluno, fazendo deste um protagonista dentro do ambiente escolar. O objetivo é que as aulas de filosofia, sobretudo as aulas de ética, devem fazer sentido para os alunos, pois “[...] geralmente o que vemos é uma filosofia deslocada da vida cotidiana” (GALLO, 2012 p.27).

Para conseguirmos executar nossa proposta de aula de ética, vamos construí-la a partir de três referências. A primeira são as Diretrizes Curriculares (2008) da disciplina de filosofia, documento do qual, retiramos essa proposta inicial, que é a de uma aula que leve em consideração o cotidiano, as experiências de vida que os alunos possuem, e que, trazem para dentro da escola.

O segundo ponto é a proposta de uma Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (2018) que ressalta o papel do educador e como este deve valorizar as experiências que os educandos trazem para dentro da sala de aula. Freire destaca que o educador “[...] não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2018, p.28).

E o terceiro ponto é o de uma aula na qual o ensino é baseado em problemas filosóficos. (GALLO. KOHAN, 2000), nessa proposta o professor abre a aula para que os alunos apresentem um problema ou que discutam sobre um problema apresentado.

“A partir dessa reflexão ficará demarcado o campo legítimo de problematização filosófica, de onde se poderá recuperar os temas sugeridos pelos alunos ou de onde novos temas surgirão” (GALLO e KOHAN, 2000, p.179).

Com isso, acreditamos que esses três pontos descritos que serão nossa referência metodológica, nos fornecem elementos consideráveis para uma proposta de elaboração de uma aula de ética que tem como um dos elementos principais a utilização do cotidiano do aluno.

2 A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE NO ENSINO MÉDIO

2.1 CONSTRUINDO UMA PROPOSTA DE AULA

Nossa proposta de aula, que tem como referência inicial as Diretrizes da disciplina de filosofia, vai partir do cotidiano dos alunos como um mobilizador para o conhecimento.

A partir desse momento de mobilização, o segundo passo será a problematização, em que o conteúdo estruturante de ética vai dialogar com este cotidiano. “A partir do conteúdo em discussão, a problematização ocorre quando professor e estudantes levantam questões, identificam problemas e investigam o conteúdo”. (PARANÁ, 2008, p. 60).

A partir desses dois passos iniciais, o aluno vai fazer uma investigação do seu cotidiano, para que, por fim, possa compreender, o conceito de ética, o

conceito de moral e a concepção ética de Hans Jonas, concepção esta que busca estabelecer uma relação entre ética e responsabilidade.

“Nossa tese é de que os novos tipos de limites do agir exigem uma ética de previsão e responsabilidade compatível com esses limites, que seja tão nova quanto as situações com as quais ele tem de lidar” (JONAS, 2006, p.57).

Outro ponto que fundamenta nossa proposta de aula é o de Paulo Freire. Em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, o autor discorre sobre a questão de se levar em consideração a realidade dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 2018, p.32).

Ou seja, as experiências que os alunos trazem para dentro dos muros da escola é, sem sombra de dúvidas um ponto que para Paulo Freire deve sim ser levado em consideração. O autor ainda ressalta a necessidade de se “[...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.” (FREIRE, 2018, p.31).

A discussão de conteúdos com os saberes dos alunos proposto por Freire vai ao encontro do que está proposto nas Diretrizes, que entende “[...] a escola como o espaço do confronto e diálogo entre os conhecimentos sistematizados e os conhecimentos do cotidiano popular” (PARANÁ, 2008, p. 21).

Além das Diretrizes da disciplina de filosofia e das ideias de Paulo Freire, vamos utilizar a proposta de aula a partir de um problema filosófico presente no texto de Silvio Gallo e Walter Kohan.

“Neste caso temos um ensino menos enciclopédico e mais ativo, uma vez que o referencial de trabalho deixa de ser o conteúdo histórico para abarcar problemas a serem repensados, retrabalhados pelos alunos” (GALLO e KOHAN, 2000, p.179).

Vale o destaque que trabalhar utilizando-se de problemas filosóficos e do cotidiano dos alunos não significa que o texto filosófico vai ser deixado de

lado. Pelo contrário, para nosso trabalho, o texto é tão relevante quanto as experiências dos alunos.

De uma forma prática, a proposta de aula seguirá o seguinte roteiro: O professor vai fazer uma pergunta inicial que cada aluno vai responder e apresentar sua resposta, tendo como base suas experiências, sua condição social, cultural, por exemplo:

O que você entende por responsabilidade?

Os alunos vão escrever e apresentar suas respostas para o professor e colegas. Suas respostas vão, em um segundo momento, dialogar com a resposta sobre o que é responsabilidade, presente no livro de Hans Jonas.

A partir desse momento, já é possível que os alunos percebam o quão longe ou próximo aquilo que eles entendem por responsabilidade se aproxima da resposta apresentada sobre esse conceito por Jonas, indo assim ao encontro do que é proposto no texto das Diretrizes, “a escola como espaço do confronto e diálogo entre conhecimentos sistematizados e os conhecimentos do cotidiano popular.” (PARANÁ, 2008, p. 21).

O terceiro momento é a leitura de texto selecionado. Seria um texto que tratasse do conceito de responsabilidade utilizado por Jonas. Nesse momento, o professor vai explicar o texto, sanar possíveis dúvidas e fazer as ligações possíveis com as respostas apresentadas na primeira aula.

O quarto momento seria um debate no qual os alunos trariam seu parecer sobre as três atividades anteriores, perguntas a partir do cotidiano, sobre o conceito de responsabilidade de Jonas, leitura de texto com explicações e apontamentos, já estabelecendo um caminho para um próximo conteúdo a ser desenvolvido em sala, que é o de bioética.

Esse momento é encerrado com uma avaliação no qual é proposto um desafio ao aluno: que utilize a teoria desenvolvida na aula como algo que contribua de forma direta no seu cotidiano. Por exemplo, elaborar um texto sobre qual seria impacto no meio em que vive, se as pessoas conseguirem colocar em prática a ideia de Jonas sobre responsabilidade.

As avaliações dos alunos na disciplina podem variar conforme a necessidade identificada pelo professor, levando em consideração também sugestões do aluno. O plano inicial é trabalhar com avaliações a partir de produção textual, seminário, produção de vídeos e outros projetos, sempre

relacionando a teoria ética com a realidade dos alunos, sem perder de vista as orientações das Diretrizes em relação a avaliação.

É a partir da avaliação que se pode chegar a conclusões sobre a efetividade, ou não, da nossa proposta de aula, ou seja, é a partir do resultado da avaliação que uma aula que se utilize das experiências cotidianas dos alunos se justifica, legitimando de maneira prática a proposta presente no texto das Diretrizes.

“No processo educativo, a avaliação deve se fazer presente, tanto como meio diagnóstico do processo ensino-aprendizagem quanto como instrumento de investigação da prática pedagógica.” (PARANÁ, 2008, p.31)

Cada tema relacionado a ética seria desenvolvido em cinco momentos, ou seja, cinco aulas de cinquenta minutos cada, organizados da seguinte forma:

- a) A visão dos alunos acerca de uma questão problema;
- b) Apresentação teórica da questão problema, bem como sua relação com o ponto de vista dos alunos;
- c) Leitura de texto sobre o tema apresentado, dialogando com os dois momentos anteriores;
- d) Debate sobre o tema e o processo realizado nas três atividades anteriores;
- e) Avaliação.

Vale ressaltar que sempre será dada em qualquer momento a oportunidade de os alunos fazerem colocações, trazerem relatos ou experiências vividas acerca dos temas que serão abordados nas aulas. Sendo assim, trabalhamos com uma margem de limite máximo de sete encontros para fechar determinado tema.

Enfatizamos que este trabalho não vai realizar a pesquisa de campo, ou seja, nossa proposta de aula não será colocada em prática. O que estamos fazendo é, a partir do documento oficial que rege a disciplina de filosofia, que são as Diretrizes, buscar elementos teóricos que, se colocados em prática, possam atender as demandas propostas por esse documento.

Acreditamos que a proposta de aula descrita esteja em consonância com as Diretrizes, uma vez que acreditamos que nosso modelo de aula garante

que “[...] esse processo de ensino fundamenta-se em uma cognição situada, ou seja, as ideias prévias dos estudantes e dos professores, advindas do contexto de suas experiências e de seus valores culturais, devem ser reestruturadas e sistematizadas a partir das ideias ou dos conceitos que estruturam as disciplinas de referência”. (PARANÁ, 2008, p. 29), no caso desse trabalho, a disciplina é a filosofia.

Uma aula que leve em consideração as experiências que os alunos trazem para dentro da escola como um elemento agregador no processo de ensino e aprendizagem de ética, em nossa expectativa, pode garantir, de forma efetiva, uma experiência de pensamento, e filosófica, por parte dos alunos.

2.2 A ESCOLHA PELA ÉTICA DE HANS JONAS

Nossa escolha acerca da ética de Hans Jonas, tem como primeiro ponto de justificativa, a resposta que demos inicialmente para a escolha pelo conteúdo estruturante de ética, que é uma preferência. Escolha que não visa em momento algum estabelecer uma hierarquia entre as concepções éticas que antecederam Jonas, aliás, como também já descrevemos, a ética de Hans Jonas seria apresentada no final do conteúdo estruturante de ética, quando os alunos já tivessem tido contato com outras concepções, como a de Aristóteles, Kant, Mill.

Como nossa proposta de aula tem como ponto principal a utilização das experiências cotidianas dos alunos como um elemento que possa ser utilizado no processo de ensino e aprendizagem de ética, temos a expectativa de Jonas seja um filósofo no qual os alunos consigam se identificar com a sua proposta ética, em especial quando o autor trata da questão da técnica e da responsabilidade, temas que, fazem parte do cotidiano destes alunos.

Temos a consciência de que os alunos vão ter uma visão diferente de Hans Jonas em relação a técnica e a responsabilidade, mas acreditamos que a maior parte dos alunos tenha a ideia do que é técnica e responsabilidade, e sejam capazes de descrever o que eles entendem sobre esses dois conceitos, e como estes estão, ou não, presentes em seu cotidiano, e é a partir do que os alunos entendem desses conceitos que vamos buscar fazer o diálogo com a

definição de Jonas sobre a questão da técnica e da responsabilidade em sua proposta ética.

A ética de Jonas é o conteúdo específico que vamos utilizar para encerrar o conteúdo estruturante de ética para o ensino médio, isso se deve por uma questão histórica, pois Jonas é um autor contemporâneo, ou seja, nossas aulas de ética têm início com Aristóteles e se encerram com Jonas.

Como os alunos já vão ter tido nas aulas anteriores outras concepções éticas, acreditamos que já será mais tranquilo a compreensão do questionamento de Jonas sobre a necessidade de uma nova proposta de ética. “Jonas formulou uma ética da responsabilidade baseada na premissa de que as éticas do passado não eram mais suficientes para enfrentar os desafios apresentados pelo novo cenário cultural” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.12)

O problema que Jonas identifica nas propostas éticas que o antecederam, é o fato de que estas estavam restritas somente a relação entre os homens, não levando em consideração a natureza.

A natureza não era objeto da responsabilidade humana – ela cuidava de si mesma e, com a persuasão e a insistência necessárias, também tomava conta do homem: diante dela eram úteis a Inteligência e a inventividade, não a ética. (JONAS, 2006, p.33-34).

Jonas traz para a discussão ética a questão da natureza, ou seja, o meio no qual o homem está inserido, sendo assim, segundo o filósofo “A natureza como uma responsabilidade humana é seguramente um *novum* sobre o qual uma nova teoria ética deve ser pensada” (JONAS, 2006, p.39). Desse modo as concepções éticas como a de Kant não levaram em conta a questão da natureza, enfatizando somente o papel do homem como objeto da ética.

Os seres cuja existência depende, não em verdade de nossa vontade, mas da natureza, têm contudo, se são seres irracionais, apenas um valor relativo como meios e por isso se chamam *coisas*, ao passo que os seres racionais se chamam *peçoas*, porque a natureza os distingue já como fins em si mesmos, quer dizer como algo que não pode ser empregado como simples meio e que, por conseguinte, limita nessa medida todo o arbítrio (e é um objeto de respeito). (KANT, 2011, p.72).

Acreditamos que um questionamento como o de Kant, não é suficiente para uma discussão atual acerca das condições dos animais que são criados para o nosso consumo, ou de uma discussão sobre a utilização de animais em testes da indústria farmacêutica ou de cosméticos. Jonas afirma que “O imperativo categórico de Kant era voltado para o indivíduo, e seu critério era momentâneo” (JONAS, 2006, p.48).

Hoje os animais, bem como toda a natureza, não são meras “coisas” que estão ao nosso dispor simplesmente como meios. Desse modo, julgamos que a concepção ética de Jonas amplia os horizontes da responsabilidade do agir humano.

Mas agora a biosfera inteira do planeta, com toda a sua abundância de espécies, em sua recém-revelada vulnerabilidade perante as excessivas intervenções do homem, reivindica sua parcela do respeito que se deve tudo o que é um fim em si mesmo, quer dizer, a todos os viventes. O direito exclusivo do homem ao respeito humano e à consideração moral se rompeu exatamente com sua obtenção de um poder quase monopolístico sobre o resto da vida. (JONAS, 2013, p.55).

Julgamos conveniente nossa escolha pela ética de Hans Jonas em nossa proposta de aula, por se tratar de uma concepção ética de um alcance que vai além das concepções anteriores, concepções estas que Jonas descreve da seguinte forma.

“A significação ética dizia respeito ao relacionamento direto de homem com homem, inclusive o de cada homem consigo mesmo; toda ética tradicional é antropocêntrica” (JONAS, 2006, p.35).

Apesar de Jonas ter escrito O princípio responsabilidade em 1979, acreditamos que nossos alunos tem a consciência de que passados 39 anos, ainda vivemos em uma sociedade que está em constante mudança, principalmente em relação ao agir, desse modo acreditamos que a proposta de Jonas é conveniente para o ensino médio, pois se trata de uma ética que visa acompanhar essas mudanças do agir humano. “E já que a ética tem a ver com o agir, a consequência lógica disso é que a natureza modificada do agir humano também impõe uma modificação na ética” (JONAS, 2006, p.29).

Jonas traz elementos novos para a discussão ética, dos quais, o principal é que o homem não vai ser responsável somente por ele e pelos seus pares, e sim responsável por todo planeta, na sequência vamos abordar como

a questão da técnica moderna se tornou um problema filosófico e ético na análise do filósofo.

2.3 A TÉCNICA COMO OBJETO DA ÉTICA.

Os avanços da ciência, as inovações tecnológicas, os meios de produção, a utilização dos recursos naturais, são temas que podem ser colocados para discussão com os alunos do ensino médio, uma vez que todos estes temas são consequências da utilização da técnica por parte do homem. E a técnica é o problema no qual a proposta ética de Hans Jonas é desenvolvida.

Como problema filosófico e ético, a técnica não é só um conjunto de artefatos ou de saberes, mas um modo de ser do homem no mundo, cujo poder alcançou, na Modernidade, patamares inimagináveis, que não podem mais passar sem uma avaliação ética, sob o risco do desaparecimento da vida ou de sua existência autêntica no futuro. (OLIVEIRA, 2014, p.12-13).

Como foi mostrado no tópico anterior, Hans Jonas entendia que as éticas que o antecederam tinham um caráter antropocêntrico, limitadas somente a relação que os homens mantinham entre si, não levando em consideração os outros seres, e a natureza. A partir da ética de Jonas, que propõe uma reflexão do homem perante a natureza, trazendo como necessário que a técnica seja objeto da ética.

Jonas foi um dos primeiros a ver o quanto a vida, em sua fragilidade e dependência, encontra-se ameaçada pelo avanço da civilização tecnológica que, por seu novo poder, a um tempo magnânimo e ambivalente, exige também uma nova forma de pensamento e um novo modelo de filosofar. (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.12)

Jonas em sua justificativa sobre o por que a técnica moderna ser objeto da ética, não apresenta somente a possibilidade da técnica como algo que traz riscos a humanidade e toda biosfera, o filósofo também apresenta o argumento da técnica como algo que advém da ação humana, dessa forma, passível de uma reflexão ética.

Que a ética, falando de modo mais geral, tenha algo a dizer sobre o tema da técnica, ou que a técnica esteja submetida a considerações éticas, eis algo que se segue do simples fato de que a técnica é um exercício de *poder* humano, isto é, uma forma de ação, e toda forma de ação humana está sujeita a uma avaliação moral. E também uma obviedade que um mesmo poder pode ser utilizado para o bem e para o mal, e que em seu exercício se pode cumprir ou infringir normas éticas. A técnica, enquanto poder humano enormemente aumentado, claramente se enquadra nessa verdade geral. (JONAS, 2013, p.51).

A técnica passa ser um objeto da ética elaborada por Jonas, pois existem riscos não só para o homem, que é quem faz o uso da técnica, mas para toda a biosfera, é dessa situação que surge a necessidade de “[...] se considerar que atualmente a ação humana, tecnologicamente potencializada, pode danificar crítica e irreversivelmente a natureza e o próprio homem” (GIACOLA JUNIOR, 2000, p.197).

A técnica faz parte do nosso cotidiano, do cotidiano dos nossos alunos, e julgamos que trazer este tema para a discussão é de suma importância, pois muitas vezes os alunos, como boa parte das pessoas não reflete a respeito sobre a técnica e a sua abrangência na vida de todos.

Hoje em dia, a técnica atinge quase tudo o que concerne aos homens – vida e morte, pensamento e sentimento, ação e sofrimento, ambiente e coisas, desejos e destino, presente futuro-, em resumo, uma vez que se tornou um problema tanto central como urgente a toda existência humana sobre a terra, já é um assunto da filosofia, e tem que haver algo como uma filosofia da tecnologia. (JONAS, 2013, p.15).

Jonas além de tratar da abrangência e da presença da técnica na vida de todos, demonstra que existe uma necessidade em uma reflexão ética em relação a técnica, principalmente nos riscos, devido ao seu uso e suas dimensões.

A técnica moderna tende intimamente a um uso de grandes dimensões e talvez por isso se torne grande demais para o tamanho do palco no qual se desenvolve – a terra – e para o bem dos próprios atores – os seres humanos. (JONAS, 2013, p.54).

É nítida a preocupação de Jonas para com as dimensões, e acima de tudo, para com os riscos que a técnica traz para todo planeta, isso remete a todos a uma reflexão, sobre nosso comportamento, em especial no que diz respeito a questão do consumo.

Para deter o saque, o empobrecimento das espécies e a contaminação do planeta que estão avançando a olhos vistos, para prevenir um esgotamento de suas reservas, inclusive uma mudança insana do clima mundial causada pelo homem, é necessária uma *frugalidade* em nossos hábitos de consumo. (JONAS, 2013, p.77).

E a partir dessa proposta de Jonas surge um desafio interessante para se discutir com nossos alunos. Como podemos pedir para aqueles que estão começando a trabalhar, e conseqüentemente se tornando consumidores, que tenham a “frugalidade” citada pelo filósofo em seus hábitos de consumo. Isso é um dilema ético extremamente complexo, uma vez que, boa parte da nossa população ainda não tem um poder de consumo, como em países desenvolvidos, aí a pergunta para nossos alunos, será que estes abririam mão de seus desejos de consumo, em prol do bem-estar do planeta e das futuras gerações? “Isso significaria procurar não só o bem humano, mas também o bem das coisas extra-humanas, isto é, ampliar o reconhecimento de “fins em si” para além da esfera do humano e incluir o cuidado com estes no conceito de bem humano” (JONAS, 2006, p.41).

É possível entender que, mesmo com toda a pertinência de sua proposta ética, que é “não a do ato consigo mesmo, mas a dos seus efeitos finais para a continuidade da atividade humana no futuro” (JONAS, 2006, p.49), essa ética tende a esbarrar na ideia do progresso, do avanço tecnológico, do qual “Somos tentados a crer que a vocação dos homens se encontra no contínuo progresso desse empreendimento, superando-se sempre a si mesmo, rumo a feitos cada vez maiores” (JONAS, 2006, p.43), ou seja, o peso que possíveis riscos, causados pela técnica, podem causar ao planeta, e a própria humanidade, tendem a não ser considerados em detrimento da ideia de progresso.

Jonas observa outro elemento importante: poderosos interesses financiam a produção da inovação. Essa pressão pelo progresso tecnológico coloca o homem numa condição de livre competitividade, despertando o apetite pelas possibilidades; por um lado, fazendo com que as possibilidades de erro sejam minimizadas ou escondidas por traz da fascinação dos benefícios; por outro, os próprios problemas decorrentes do aumento da população e a ameaça do esgotamento das reservas naturais funcionam como impulso da técnica. (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.98)

A ideia do progresso, do que o homem pode fazer de bom, das possibilidades que os avanços tecnológicos podem trazer para a sociedade, criam uma expectativa sobre os feitos, as benesses que a técnica pode nos dar, o sucesso de experiências que tiveram êxito, mas que, podem trazer um risco, risco esse que muitas vezes é deixado de lado, devido a busca do sucesso. Jonas é enfático ao afirmar que “Não há nada melhor que o sucesso, e nada nos aprisiona mais que o sucesso” (JONAS, 2006, p.43).

Quando levamos em conta que a concepção ética de Jonas foi construída a mais de quarenta anos, percebemos que apesar da necessidade de uma reflexão sobre o comportamento do homem perante a natureza, as necessidades momentâneas tendem a se sobressair.

Com o que fazemos aqui e agora, na maioria das vezes pensando em nós mesmos, afetamos maciçamente a vida de milhões de pessoas, alhures e no futuro, que não foram consultadas a esse respeito. Hipotecamos a vida futura em troca de vantagens e necessidades atuais a curto prazo – e, quanto a isso, na maioria das vezes, em função de necessidades autocriadas. (JONAS, 2013, p.54).

Acreditamos que é nítido que a crítica de Jonas a técnica se refere ao seu uso sem critérios, e sem uma reflexão ética sobre suas consequências, uma vez que, “[...] ele explica que não critica nem a técnica nem a civilização tecnológica enquanto tal, mas o fato de que elas comportam uma forte propensão a degenerar-se de maneira desmesurada e descontrolada[...]” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.76).

O olhar de Jonas sobre a técnica não de alguém que negue sua importância, muito menos um olhar cético, mas um olhar com ressalvas das possibilidades, uma vez que, na visão do filósofo a técnica requer um controle e uma reflexão ética, e não ser considerado algo a parte da realidade, inquestionável. “O problema, em outras palavras, é a autonomia da técnica em relação à ética, e todo o esforço de Jonas não é meramente limitar o desenvolvimento da técnica, mas submetê-la aos freios voluntários da ética” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.76).

Uma vez que, apresentada a forma como a questão da técnica é destacada por Jonas em sua proposta ética, o próximo passo, é buscar apresentar o conceito que move esta proposta, que é o de responsabilidade.

2.4 A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE.

Hans Jonas afirmou sobre a necessidade de uma nova proposta ética, proposta esta que tomasse a como objeto de sua reflexão os riscos que a técnica pode trazer para a humanidade e a biosfera. Sendo assim, o filósofo coloca ao centro da sua ética, a ideia de responsabilidade. “Isso impõe à ética, pela enormidade de suas forças, uma nova dimensão, nunca antes sonhada, de responsabilidade” (JONAS, 2006, p.39).

A ideia de uma ética da responsabilidade, se difere das concepções que antecederam Jonas, pois “[...] todas as éticas precedentes se orientavam em função do presente” (JONAS, 2006, p.53). Jonas trouxe para a discussão ética a necessidade de pensar sobre as gerações futuras, as gerações que ainda estão por vir, que conseqüentemente não tem o poder de escolha ou decisão sobre as ações feitas no presente. “Trata-se, portanto, não de uma responsabilidade no sentido formal e vazio, como algo posterior à ação, mas de uma responsabilidade ontológica que busca assegurar o direito a própria vida em continuar a existir de modo autêntico” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.129).

A responsabilidade apresentada por Jonas traz um novo imperativo ético, diferente do apresentado por Kant que estava restrito ao indivíduo do presente, o imperativo jonianiano tem uma preocupação com a continuidade da humanidade.

Age de tal maneira que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de autêntica vida humana; ou expressado negativamente: Age de tal maneira que os efeitos da ação não destruam a possibilidade de autêntica vida humana futura; ou simplesmente: Não comprometas as condições de continuidade da humanidade sobre a terra; ou ainda positivamente: Inclui em tuas escolhas presentes como objeto do teu querer a integridade futura do homem. (JONAS, 2006, p.44).

Toda ação humana, por melhor intencionada que possa ser, qualquer pesquisa científica, a busca pelo progresso, a utilização dos recursos naturais, os meios de produção, são entre muitas possibilidades que devem ser

realizadas a partir de uma reflexão sobre o impacto que podem trazer para as próximas gerações.

O ponto relevante aqui é que a intrusão de dimensões remotas, futuras e globais, em nossas decisões prático-mundanas cotidianas, é uma novidade ética que a técnica nos confiou; e a categoria ética que este novo fato traz para o primeiro plano se chama *responsabilidade*. (JONAS, 2013, p.55).

Como já foi descrito anteriormente, Jonas não é alguém que negue a importância da técnica para com a humanidade, mas evidencia a necessidade de que a técnica tenha limites, haja vista que “ Aquilo que não existe não faz reivindicações, e nem por isso pode ter seus direitos lesados”(JONAS, 2006, p.89), ou seja, a responsabilidade proposta por Jonas, além de ser um freio ético para a técnica, também defende o direito das próximas gerações.

Não temos, portanto, o direito de escolher o não ser das gerações futuras em proveito do ser da geração presente ou da subsequente; o imperativo determina para o agir humano coletivo uma obrigação em face daquilo que absolutamente ainda não é, e que, considerado apenas em si mesmo, também não tem que ser. Trata-se de uma obrigação em relação ao não existente que, enquanto tal, não pode sustentar qualquer pretensão à existência. (GIACOLA JUNIOR, 2000, p.200).

A responsabilidade defendida por Jonas visa garantir os direitos daquelas gerações que ainda estão por vir, o filósofo se utiliza de um exemplo compreensível que é o do papel de um líder político de uma nação em guerra, que não pode em prol de seus interesses, ou interesses de sua nação colocar em risco toda a humanidade, haja vista que, muitas nações tem o poderio bélico para que isso aconteça.

Mesmo para salvar sua nação fica proibido ao estadista utilizar qualquer meio que possa aniquilar a humanidade. Mas, agora, entre as possíveis obras da tecnologia, há algumas que, por seus efeitos cumulativos, têm essa abrangência e penetração globais, ou seja, têm o poder de pôr em perigo quer a existência inteira ou a essência inteira dos homens no futuro. (JONAS, 2006, p.86).

Fica evidente que aqueles que governam, pesquisam, legislam, comandam, não estão livres da responsabilidade em relação ao uso da técnica, ou seja, não se pode apostar com as vidas dos que ainda não existem. “O princípio ético fundamental, do qual o preceito extrai sua validade, é o seguinte:

a existência ou a essência do homem, em sua totalidade, nunca podem ser transformadas em apostas do agir” (JONAS, 2006, p.86).

Devido ao fato de que temos a consciência, mesmo que através da história, do que uma guerra pode causar, motivo pelo qual a ideia do bem deve ser valorizada e defendida, é que a ética da responsabilidade é pertinente, pois consegue refletir sobre questões que envolvem o passado, presente e futuro, sobre questões como uma guerra.

Não duvidamos do mal quando com ele nos deparamos; mas só temos certeza do bem, no mais das vezes, quando dele nos desviamos. É de se duvidar que alguém, alguma vez, tenha feito o elogio da saúde sem pelo menos ter visto o espetáculo da doença, o elogio da decência sem ter encontrado a patifaria, e o da paz sem conhecer a miséria da guerra. (JONAS, 2006, p.70).

Podemos afirmar que na análise de Jonas o futuro muitas vezes aparece como tempo ético, uma vez que, as concepções éticas tradicionais estavam voltadas para o presente, deixando assim uma incerteza quanto ao futuro. “Com isso, a ética de Jonasiana promove uma mudança no sentido de não limitar-se à existência, mas à forma dessa existência, visto que a garantia da vida em longo prazo não é mais dada como certa[...]” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.141).

A responsabilidade proposta por Jonas sobre a técnica não é algo que seja aplicado somente a questões extremas, como o caso de uma guerra, mas envolve toda a técnica, técnica essa que muitas vezes ilude o homem para com os seus possíveis resultados, desse modo a ética de Jonas visa “ [...] evitar que, mesmo um uso “bem”-intencionado da ciência possa produzir efeitos indesejados ou comprometer a vida de indivíduos [...]” (OLIVEIRA, 2014, p.164).

A técnica na análise de Jonas possui um poder ambivalente, pois impulsiona a humanidade para o avanço em diversas áreas, como transporte, habitação, produção entre outras, por outro lado “O autor afirma que as benções da técnica contêm perigos do mal” (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.141).

Vale o destaque que a responsabilidade sobre a técnica não é restrita à sua utilização de maneira inadequada, para fins maléficis, o imperativo

jonasiano é válido para o uso da técnica no geral, inclusive quando sua intenção é positiva.

Portanto, os perigos da técnica moderna não residem apenas na sua utilização para fins ilegítimos, mas também quando utilizados para fins verdadeiramente autênticos, pois resultados inesperados, indesejado e imprevisíveis podem ser advindos da “boa” como da “má” utilização. Em outras palavras, o problema reside mais no “êxito” da técnica do que no seu “fracasso”. Por isso, vale ressaltar que a ética jonasiana não separa a realidade entre boa e má e nos aconselha a negarmos o mal praticando o bem; Jonas está afirmando que até o uso bem-intencionado da técnica contém uma ameaça. O perigo está na “técnica invisível” aparentemente inócua, inclusive benéfica. (OLIVEIRA, MORETTO, SGANZERLA, 2015, p.116).

Desse modo segundo Jonas “[...] o homem não tem nenhuma outra vantagem em relação aos outros seres vivos, exceto a de que só ele também pode assumir a responsabilidade de garantir os fins próprios aos demais seres” (JONAS, 2006, p.175), ou seja, é dever do homem submeter a ação técnica a reflexões éticas, mesmo que a técnica em questão vise o seu próprio bem, é dever do homem garantir que as gerações futuras tenham acesso aos bens naturais que temos hoje, bem como, tenham acesso a toda diversidade de flora e fauna que possuímos hoje. Daí a importância da obra de Jonas que busca valorizar uma reflexão ética não só entre homens, mas entre homens e natureza.

A ética proposta por Jonas pretende uma nova aliança entre o ser humano e a natureza em geral. Uma ética com dupla responsabilidade, portanto: proteger a natureza e proteger as gerações futuras. Ou numa única obrigação moral: respeitar e cuidar da vida em geral para que também a humana continue sendo possível no futuro. (OLIVEIRA, 2014, p.142).

A ética de Jonas traz à tona algo que não era abordado em outras concepções éticas, que é, o direito a existência daqueles que ainda não existem, o direito da natureza, assim como o direito das gerações futuras de ter o acesso a essa natureza, direitos esses que devem ser defendidos pela geração presente, defendidos através do uso da responsabilidade.

Quando pois, a natureza nova do nosso agir exige uma nova ética de responsabilidade de longo alcance, proporcional à amplitude do nosso poder, ela então exige, em nome daquela responsabilidade, uma nova espécie de humildade – uma humildade não como a do passado, em decorrência da pequenez, mas em decorrência da excessiva grandeza do nosso poder, pois há um excesso do nosso poder de fazer sobre o nosso poder de prever e sobre o nosso poder de conceder valor e julgar. Em vista do potencial escatológico dos nossos processos técnicos, o próprio desconhecimento das consequências últimas é motivo para uma contenção responsável – a melhor alternativa, à falta da própria sabedoria. (JONAS, 2006, p.63-64).

Ao discutirmos a ética de Jonas atualmente como algo a ser trabalhado com alunos do ensino médio, nos remete a conclusão de que os problemas referentes ao uso da técnica, descritos pelo filósofo, ainda acontecem, nos remetendo a importância da discussão da sua ética, uma ética da responsabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que uma aula de ética para alunos do ensino médio que se utilize da diversidade sociocultural que estes trazem para dentro da sala de aula, pode ser um elemento que contribua no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, entendemos que uma aula nesses moldes facilita a compreensão do conteúdo de filosofia desenvolvido.

Temos a expectativa que este trabalho possa ser utilizado como um referencial teórico para possíveis pesquisas relacionadas a práticas de ensino de filosofia no ensino médio, haja vista que, a proposta de aula presente neste trabalho se fundamenta nas Diretrizes da disciplina de filosofia, e visa, quando colocada em prática, verificar até que ponto a utilização da realidade dos alunos pode contribuir, ou não, no processo de ensino e aprendizagem de filosofia.

A ética de Hans Jonas, que é o conteúdo específico que este trabalho utiliza como principal referencial teórico, traz uma série de possibilidades para se trabalhar com alunos do ensino médio, uma vez que, é uma concepção que traz para a reflexão ética não só a relação entre os homens, como também, a natureza, e as próximas gerações.

Elementos na proposta de Jonas, como o questionamento da ação técnica, suas consequências, a responsabilidade que o ser humano deve ter para com as gerações futuras, com a biosfera, podem ser utilizadas, e principalmente relacionadas com o cotidiano dos alunos.

Esperamos que a ética de Jonas possa ser um instrumento de provocação, algo que desperte nos alunos o interesse em participar de forma efetiva de uma aula de filosofia, uma vez que, os temas na proposta de Jonas podem entrar em conflito com a realidade dos alunos, como uma discussão se os alunos abririam mão de ter um carro, para utilizar o transporte público, em nome do meio ambiente, pensando nas gerações futuras.

E com base nesse último exemplo e outras possibilidades que podem surgir na sala de aula, por sugestão do professor, ou dos alunos, esperamos que estes associando a teoria as suas experiências, mesmo que discordando da concepção de Jonas, possam compreender sua intenção, bem como, saber que em vários momentos uma aula de filosofia pode partir da sua realidade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução a Filosofia*. 4ªed. São Paulo: Editora Moderna. 2009.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996

COTRIM, Gilberto. FERNANDES, Mirna. *Fundamentos da Filosofia*, 4ª edição, São Paulo, ed Saraiva. 2017.

DAYRELL, J. JESUS, R. E. **Exclusão de jovens de 15 a 17 anos do Ensino Médio no Brasil**: desafios e perspectivas. Relatório de Pesquisa do Observatório da Juventude da UFMG. Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/pesquisa-unicef-a-exclusao-de-jovens-de-15-a-17-anos-no-ensino-medio-no-brasil/>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa*, 56ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo, ed Paz & Terra. 2018.

CHAUÌ, Marilena. *Iniciação à Filosofia*, São Paulo, ed Ática. 2010.

GALLO, Silvio. *Filosofia Experiência do Pensamento*, 2ª edição, São Paulo, ed Scipione. 2017

Ética e cidadania: Caminhos da filosofia, 20ª edição, São Paulo, Papirus, 2016.

Metodologia do Ensino da Filosofia: Uma didática para o ensino médio, São Paulo, Papirus, 2012.

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a Filosofia no Ensino Médio. In: GALLO, S.; KOHAN, W. (Org.). Filosofia no Ensino Médio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 174-196.

GIACOA JUNIOR, Oswaldo. "Hans Jonas: o princípio responsabilidade – Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica". In: OLIVEIRA, Manfredo. (org.). Correntes fundamentais da ética contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2000.

JONAS, Hans. O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma Ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro, Contraponto / PUC-RIO, 2006.

_____. Técnica, Medicina e Ética. São Paulo, Paulus, 2013.

KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Lisboa/Portugal, Edições 70, 2011.

MALACARNE, Vilmar; STRIEDER, Dulce Maria; LIMA, Dartel Ferrari de. ÉTICA, CIÊNCIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A ESCOLA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 51-66, dez. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172011000300051&lng=pt&nrm=iso>.acessos em 01 maio 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172011130304>.

MORA, José, Ferrater. Dicionário de filosofia. Tomo II. São Paulo, ed Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Jelson, MORETTO, Geovani, SGANZERLA, Anor. Vida, Técnica e Responsabilidade: Três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas. São Paulo, Paulus, 2015.

OLIVEIRA, Jelson. Compreender Hans Jonas. Petrópolis, Vozes, 2014.

PARANÁ. Diretriz Curricular de Filosofia para a Educação Básica, Curitiba. 2008.

PEDRO, Ana Paula. Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 55, n. 130, p. 483-498, Dec. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 04 May 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2014000200002>.

STOSKI, Patrícia; GELBCKE, Vanessa. Juventudes e escola: os distanciamentos e as aproximações entre os jovens e o Ensino Médio. In: RIBEIRO, Mônica; OLIVEIRA, Rosângela Gonçalves (Orgs.) **Juventude e Ensino Médio**: sentidos e significados da experiência escolar. Curitiba: Editora da UFPR, 2016.

VALLS, Álvaro L. M. O QUE É ÉTICA. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Coleção Primeiros Passos)